

EM MOVIMENTO

GIL AMÂNCIO

LUCIANA AMORMINO

Experimentando a arte

É se equilibrando sobre uma grande bola rosa que Gil Amâncio conta sua trajetória como artista e músico. Foi se equilibrando na vida e buscando experiências novas que, ao longo de seus 30 anos dedicados à cultura, Gil se tornou um dos grandes nomes do cenário artístico-cultural mineiro, tendo estado à frente de companhias teatrais como a "Sonho e Drama" e a "Seraquê?".

Seu primeiro contato com arte foi na própria família. Seu pai, além de tocar violão e violino, confeccionava os próprios instrumentos. O tio também gostava de cantar e tocar e, quando a família se reunia, era uma grande festa. Foi assim que despertou o gosto por música e dança. "Antes de ir para as festas, tinha que colocar música em casa para a gente treinar e sair afiado para a noite", comenta Gil.

Já o teatro apareceu em sua vida meio por acaso, quando estava começando o curso de História, na Universidade Federal de Minas Gerais. Na calourada, ele foi até o Diretório Central dos Estudantes e viu uma turma ensaiando uma peça de teatro. Gil ficou olhando o ensaio e acabou sendo chamado para integrar a peça, como figurante. Dali, ele acabou interpretando personagens principais da peça e interagindo com pessoas ligadas ao teatro e à música. Em 1976, apresentou sua primeira peça enquanto profissional, de Augusto Boal. Gil se recorda que era uma peça proibida pela ditadura militar e que, por esse motivo, despertou interesse em um público amplo. Na medida em que se envolvia com o teatro, foi deixando o curso de História, mas a vontade de se envolver com pesquisa, cultura e educação acabou permeando sua trajetória profissional.

No teatro

Após ter participado da peça, naquele ano de 1976, o Palácio das Artes montou o primeiro espetáculo adulto com artistas mineiros, "O Coronel de Macambira". Na ocasião, era necessário alguém para tocar violão e percussão, lugar que foi ocupado por Gil Amâncio, que passou a integrar a peça, que misturava teatro e música. Dessa forma, ele acabou se envolvendo com músicos como Leri Faria Júnior, Marcelo Alkimin e Marcos Viana, com os quais tocou por algum tempo.

Até 1980, Gil participou de várias peças que, em sua maioria, tinham envolvimento com a questão política e uma grande preocupação com o texto. Foi então que ele e seu amigo Carlão resolveram pesquisar também elementos para compor a cena, a preparação do ator e deixar de focar apenas o texto. No antigo Cine Guarani, em Belo Horizonte (MG), eles passaram um ano pesquisando a linguagem do teatro, partindo dos ensinamentos do teórico de teatro Grotowski. Desse trabalho de pesquisa, nasceu a "Companhia Sonho e Drama", que iniciou o teatro experimental

CONTEÚDO EXCLUSIVO DO SITE www.escritoriodehistorias.com.br - permitida a reprodução desde que citada a fonte
Escritório de Histórias - eh@escritoriodehistorias.com.br

Belo Horizonte / MG: Av. Brasil, 1831 sala 903 - Funcionários - 31140 002 - (31) 3262 0846

Brasília / DF: SEPS 705/905 bloco B sala 423 - Centro Empresarial Asa Sul - 70390 055 - (61) 3443 0911

EM MOVIMENTO

GIL AMÂNCIO

LUCIANA AMORMINO

em Belo Horizonte e agregou também Cida Falabella, Bernardo Mata Machado, Luiz Maia, Paulo Lisboa, Rodolfo Vaz, Evandro Rogers, entre outros. Um dos grandes diferenciais da companhia para as demais da época era o fato de trabalharem com adaptação de romances. A primeira montagem da "Sonho e Drama" foi "O processo", de Kafka, seguido por "Metamorfose", do mesmo autor, "Antígona", de Sófocles. Mas o maior sucesso foi a primeira montagem de "Grande Sertão Veredas", de Guimarães Rosa, o que consagrou a companhia nacionalmente.

Até 1986, Gil Amâncio integrou a "Sonho e Drama" como ator. Depois disso, começou a compor trilhas sonoras para a companhia, além de continuar fazendo acompanhamentos para músicos. No início da década de 90, após quase dez anos de sucesso, a companhia se transformou no "Zap 18", um espaço cultural localizado no bairro Serrano, em Belo Horizonte.

Seraquê?

"Será que não dava para levar o material no carro?" "Será que você pode filmar para a gente?" Foi perguntando "será que" para os amigos, na possibilidade de conseguir viabilizar as apresentações - já que a companhia não tinha recursos próprios - que surgiu a "Companhia Seraquê?". Formada, em 1993, inicialmente por Rui Moreira, bailarino e coreógrafo, Guda, percussionista, Gil Amâncio, músico, ator e compositor, Ricardo Aleixo, músico, poeta e artista plástico, e a produtora Bete Arenque, em 1993, a companhia tinha a preocupação de passar a visão de mundo do negro, além de propor uma ligação entre a dança, o teatro e a música. "A 'Seraquê?' trabalhou muito no sentido de integrar esse universo, que é separado no teatro ocidental. Uma das crises do teatro ocidental é tentar resgatar a dança, o teatro e a música e colocá-las juntas. Nós vimos que, na cultura brasileira, era o lugar onde a gente poderia misturar isso. A gente vai para um terreiro de candomblé, para um congado e tem dança e texto ali, juntos", comenta Gil Amâncio.

Influências

Antes da criação da "Seraquê?", paralelamente à atuação na "Sonho e Drama", Gil Amâncio trabalhou, de 1979 a 1981, com Marlene Silva, primeira mulher a trazer a dança afro para Belo Horizonte. "Nesse período, comecei a pensar sobre

EM MOVIMENTO

GIL AMÂNCIO

LUCIANA AMORMINO

a cultura afro-brasileira, o que era trabalhar com ritmos de candomblé, do congado, um universo onde eu não transitava. Eu estava mais voltado para o teatro europeu que para a cultura afro-brasileira”, conta Gil.

Ainda instigado pela cultura popular, Gil e seu amigo Wagner Carvalho, atualmente produtor cultural, partiram rumo à Alemanha, em 1992, em uma turnê com um espetáculo de dança e percussão. Durante os seis meses que passou na Europa, Gil conheceu muitos trabalhos ligados à cultura africana e contemporânea. Ao regressar ao Brasil, não demorou muito para se articular e criar a companhia “Seraquê?”.

Quilombos Urbanos

Durante sua atuação, a “Companhia Seraquê?” realizou três grandes trabalhos. O primeiro, “De Patangome na Cidade”, foi centrado na experiência dos artistas, na vivência de cada um. “Fui resgatar esses sambas que a gente fazia na minha casa, essas festas, minha maneira de fazer música. Era um espetáculo mais intimista, um memorial de cada artista. Tanto que, no figurino, a gente usou roupas de um tio do Rui, que havia falecido, e que andava impecável, só de terno. Nós pegamos os ternos dele, que ficaram maiores em uns e menores em outros. Nesse momento, nós criamos uma maneira de trabalhar”, conta Gil, entusiasmado ao se lembrar do primeiro espetáculo da companhia.

Mas o que vem a ser “patangome”? Para quem não sabe, patangome é um chocalho feito de latas ou calotas de carro, usado no congado, na cultura popular. Coube à “Seraquê?” apresentá-lo à cidade.

O segundo trabalho da companhia, e também o que teve maior repercussão, inclusive internacional, foi “Quilombos Urbanos”, produzido em 1995. Para fazê-lo, o grupo começou a pesquisar o que viria a ser quilombos urbanos e reuniram todas as manifestações afro, como capoeira, grupos de Hip Hop, de dança afro, que acontecem na cidade. Esse espetáculo contou com a participação de um grupo de street dance, o “UP Dance”, o que resultou numa mistura de linguagens. “O espetáculo era formado pelos meninos DJ’s, percussão, bailarinos, dança de rua, congado, capoeira, dança contemporânea. Foi um encontro bacana dentro do ‘Quilombos Urbanos’. Participamos de festivais internacionais, como o ‘Mov Berlim’, na Alemanha, e o ‘Festival Internacional de Teatro’, na Argentina. Conseguimos entrar em um programa cultural que nos fez circular por todo interior de Minas Gerais”, relembra Gil.

Multimídia

Em um outro momento de pesquisa e busca por novidades, Gil Amâncio e Ricardo Aleixo formaram, em 2000, a “Black Maria”, um grupo que se

EM MOVIMENTO

GIL AMÂNCIO

LUCIANA AMORMINO

propõe a trabalhar com tecnologias, vídeo, música eletrônica e poesia. Resolveram, então, criar “vídeopoemas”, com trilhas executadas ao vivo e declamação de poesias. A “Black Maria” realizou quatro trabalhos, e deve retomar suas atividades e pesquisa com arte multimídia em 2005. “Estamos pensando em criar um espaço ‘Black Maria’, um lugar onde poderemos oferecer cursos de férias sobre as questões com as quais o grupo trabalha, como multimídia, a relação da cultura africana com a arte, entre outros”, conta Gil.

Arte no Alto

Uma provocação. É assim que Gil Amâncio considera o início de suas atividades com a comunidade do Alto Vera Cruz, de Belo Horizonte. Tudo começou quando um grupo de rap, o “Negros da Unidade Consciente” (NUC), convidaram-no para fazer a direção musical de um CD que eles iriam gravar. A proposta de Gil trouxe surpresa para o grupo: em vez de fazer um CD de rap, com batidas eletrônicas no computador, por que não usar a musicalidade que existente na própria comunidade? Aceitando a proposta, o NUC acabou fazendo um trabalho inusitado, que reuniu um grupo de senhoras da terceira idade, as “Meninas de Sinhá”, que cantam músicas de roda, como backing vocals, e um grupo de capoeira. Atualmente, agregou também um grupo de samba e fizeram apresentações com Jair Rodrigues e com Cloté, um rapper da França, que achou incrível as senhoras no Hip Hop.

A mistura de rap, capoeira e cantigas de roda deu certo e surtiu resultados: os próprios meninos do ‘NUC’ inscreveram um projeto na Lei de Incentivo à Cultura e, em contrapartida, oferecem oficinas na comunidade. “Nós adaptamos as cantigas de roda às batidas do Hip Hop. Durante seis meses, as ‘Meninas de Sinhá’ cantavam e a gente ia experimentando as batidas eletrônicas em cima. Os textos falavam da história de vida dos meninos, do bairro, das influências de cada um. Hoje, o projeto gerou um Centro Cultural, que está sendo implantado no Alto Vera Cruz, mas já oferece oficinas para o pessoal da comunidade. As ‘Meninas de Sinhá’ acabaram fazendo um CD, que estou produzindo atualmente, e o ‘NUC’ está partindo para um outro CD. Esse trabalho foi interessante porque potencializou o movimento e agora está dando força para cada um ter sua individualidade. Os meninos do ‘NUC’ ganharam um lugar na comunidade; as ‘Meninas de Sinhá’ eram senhoras hipertensas que começaram o grupo de cantigas de roda no Posto de Saúde, ganharam mais força e estão circulando o Brasil, já tendo se apresentado em São Paulo sete vezes e, até mesmo, em Cuba, em um festival de Hip Hop em Havana. Tudo isso está divulgando uma imagem do ‘Alto Vera Cruz’ diferente. Não é mais a da favela, da violência, da droga. O Centro Cultural, abrirá espaço para a moçada da comunidade se envolver também. A oficina de formação continua. É feita pelo pessoal do ‘NUC’, e, às vezes, a gente convida pessoas

EM MOVIMENTO

GIL AMÂNCIO

LUCIANA AMORMINO

de fora. Fizemos um seminário, há pouco tempo, sobre cultura brasileira, história do Brasil, leis de incentivo, trouxemos profissionais da universidade para debater com a comunidade. Estamos fomentando o bairro, abrindo possibilidades para quem se interessa por arte”.

Pesquisando a arte

“O que marcou minha caminhada foram as pesquisas. Acho que, por eu ter feito História, sempre me preocupei muito em estudar, pesquisar as manifestações culturais brasileiras e procurar fazer trabalhos que buscassem novas linguagens, que experimentassem outras possibilidades de criação. Minha vida está dividida, hoje, em duas coisas: o lado da criação e o lado da educação. Eu criei, em 1995, o Festival Internacional de Arte Negra (FAN) e, em 1993, o Centro de Referência Cultural da Criança e do Adolescente, da Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte. Esse centro é um projeto de resgate das brincadeiras, dos brinquedos, da cultura da criança, da maneira que a criança tem de olhar o mundo e como isso entra na escola. Quando a escola fala que vai oferecer arte e pegamos o modelo de arte na escola, são todos modelos centrados na coisa européia. A música, quando entra, é de partitura, e vemos a riqueza da música brasileira, é maracatu, é samba, é frevo, que não faz parte do ensino. Então, eu venho também buscando esse trabalho, com as duas coisas se complementando. Toda essa pesquisa que eu faço para a escola também vai me alimentando na criação dos espetáculos. É uma procura por novos caminhos da criação”, concluiu Gil.